

Por Fellipe Awi
Fotos de André Coelho

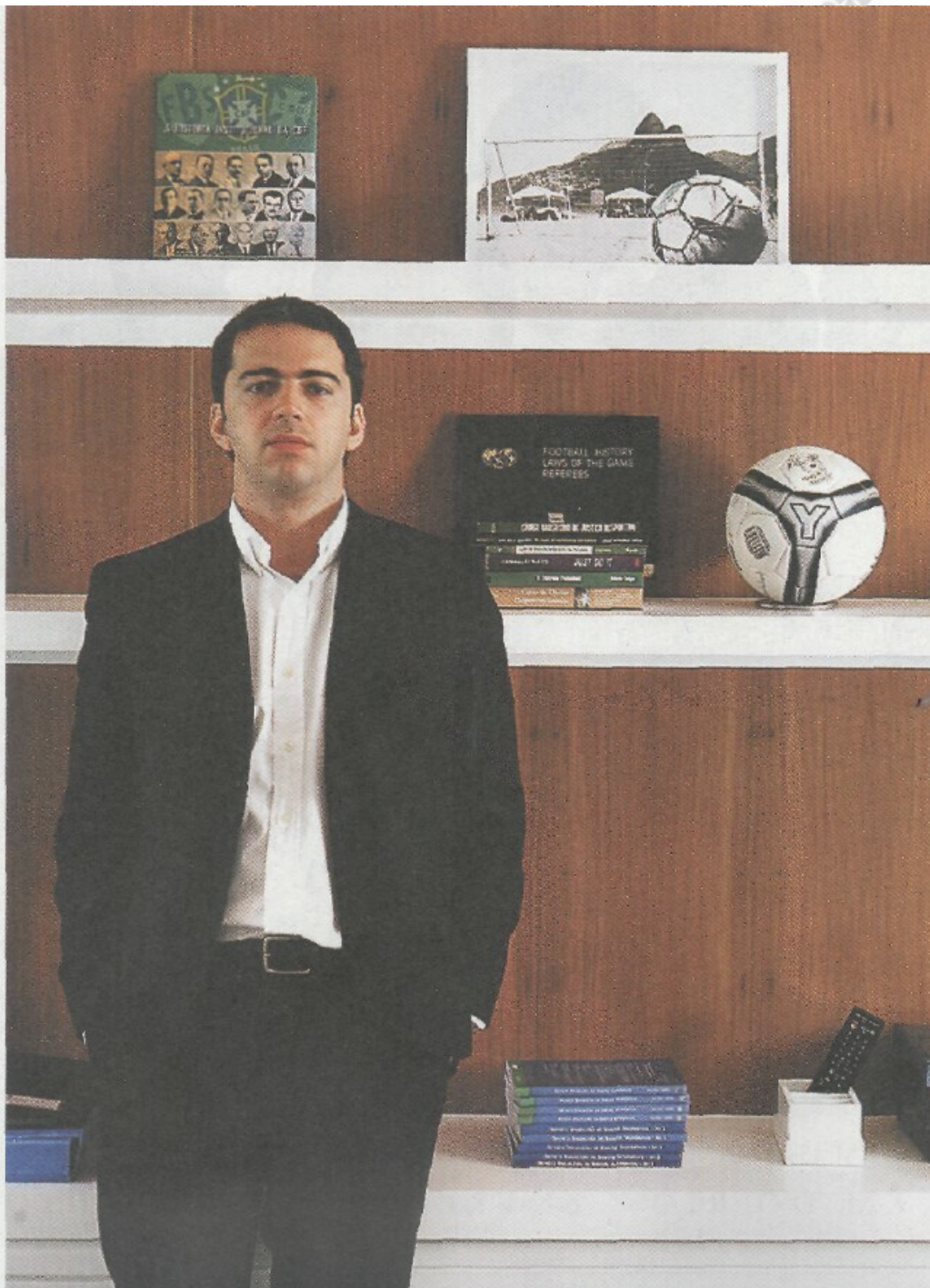
Os novos cartolas

A seis anos da Copa no Brasil, surge uma geração que se prepara para virar dirigente de futebol

Imagine uma instituição, centenária que movimenta um caminhão de dinheiro, tem empregados com salários de até R\$ 200 mil e possui milhões de consumidores apaixonados Brasil a fora. Agora imagine que tudo isso é administrado por um voluntário, um sujeito que não tem o menor compromisso com o sucesso ou o fracasso dessa empresa. Assim funcionam, a grosso modo, os clubes de futebol brasileiros — e esse administrador, conhecido popularmente como cartola, só é menos difamado que os juizes e bandeirinhas. Apesar disso, existe cada vez mais gente no Brasil se preparando para virar dirigente de futebol.

Trata-se de um outro tipo de cartola, é claro, a começar pelo que já foi dita na frase anterior: eles estão se preparando. Salvo exceções, o típico dirigente brasileiro nada mais é do que um sócio e torcedor fático que, por capacidade de liderança, foi alçado à presidência do clube ou a um cargo executivo. A consolidação da indústria do esporte como um dos negócios mais rentáveis do mundo e a confirmação do Brasil como sede da Copa do Mim-

Vantuil Gonçalves, que começou no Botafogo e hoje é sócio de Zico: "Só vão sobreviver os cartolas preparados e responsáveis por seus atos, como aconteça em qualquer empresa"



do de 2014 estão fazendo surgir uma nova geração de cartolas de perfil bem mais moderno. Eles são jovens, bem formados e se especializaram em gestão esportiva nos melhores cursos nacionais e internacionais.

— Quanto mais preparado estiver e quanto mais rápido o profissional do futebol se posicionar, mais espaço ele terá na Copa de 2014 — afirma o advogado Luiz André Mello, gerente de patrocínios de uma grande empresa de marketing esportivo carioca. .

Aos 28 anos, Luiz é um representante clássico da geração que estudou para ser executivo do esporte. Mais novo, tentou entrar nesse universo calçando chuteiras, mas a carreira de jogador não foi adiante e ele se formou em direito. Certo dia de que a Copa de 2014 abri-



Luiz André Mello, de 28 anos: MBA de administração esportiva em Barcelona

ria um leque de oportunidades inédito por aqui, abandonou uma promissora carreira de consultor numa multinacional para apostar todas as suas fichas no novo desafio. Entre 2006 e 2007, passou dez meses em Barcelona, num conceituado MBA de administração esportiva. Teve como professores autoridades do comitê

organizador das Olimpíadas de 1992, realizadas na cidade espanhola, e trabalhou em eventos importantes como o GP de Fórmula-1 da Catalunha. Durante o curso, até foi chamado para jogar num pequeno time de lá, mas o sonho de ser jogador tinha ficado para trás.

—Além da Copa de 2014, temos chance ainda de se-

diar as Olimpíadas de 2016. O Brasil está entrando na rota dos grandes eventos esportivos — comemora,

Hoje, Luiz trabalha numa empresa que, entre outros negócios, administra camarotes em estádios cariocas e representa no Brasil os interesses do Milan, um dos clubes mais ricos do mundo. Em 2014, ele espera estar completamente envolvido com a Copa. Até lá, deve conhecer cada vez mais gente como o economista Bruno Paes, de 33 anos, outro que enveredou cedo na indústria do futebol. Até os 22, ele seguia o caminho de um profissional do mercado financeiro no americano Nations Bank. Em 1998, o banco decidiu investir US\$ 34 milhões no Vasco e o escolheu para acompanhar o projeto»

A utilização deste artigo é exclusiva do **Esporte**

Anúncio

O choque entre profissionalismo e amadorismo pôs água no negócio em três anos, mas foi tempo suficiente para ele perceber o potencial da indústria do esporte. Formado em economia com MBA em marketing, ele toca os programas de sócio-torcedor de Fluminense, Botafogo, Palmeiras e Coritiba. Além disso, administra lojas virtuais e reais com produtos licenciados de times de futebol.

- Até 2014, os profissionais do esporte serão cada vez mais valorizados e o futebol será um produto cada vez mais consumido — afirma.

Essa é uma das poucas previsões a que Bruno se dá o direito de fazer. Habitado a lidar com as oscilações do mercado financeiro, ele aprendeu que é ainda menos recomendável dar garantias no esporte. O mercado do fu-

tebol é peculiar: oscila de acordo com os resultados de campo, que são imprevisíveis. Para entendê-lo melhor, o advogado Pedro Trengrouse não poupou esforços. Ao fim do curso de direito, foi aceito no badalado MBA em administração esportiva da Fifa, a entidade máxima do futebol. Todos os anos, são 25 vagas para cerca de mil candidatos. Os aprovados investem US\$ 20 mil no curso, que é ministrado em três países: Inglaterra, Itália e Suíça. São 14 meses de aulas com autoridades do mundo esportivo. Pedro está convencido de que tomou o caminho certo rumo a 2014.

— A Copa vai trazer investimentos e melhorias de infra-estrutura para o Brasil, mas o seu maior legado será o capital humano. Finalmente, teremos bastante gente preparada para trabalhar com

a indústria do esporte, que hoje já representa 4% do PIB nacional — afirma.

Desde que voltou, em 2004, Pedro já trabalhou na Confederação Brasileira de Futebol (CBF), participou da profissionalização da Federação Baiana de Futebol e agora dá expediente no Flamengo. Sua mais nova empreitada está diretamente relacionada à Copa de 2014. Semana passada, ele integrou a comitiva do Ministério dos Esportes que foi a Londres conhecer os projetos de segurança das Olimpíadas de 2012. O objetivo é repeti-los depois aqui.

— Sempre fomos Primeiro Mundo no futebol como fornecedores de matéria-prima, ou seja, revelando jogadores. Não pode ser diferente em relação à sua administração. Não há outro caminho que não passe pela

profissionalização da gestão esportiva — afirma.

Pedro conhece bem as consequências do amadorismo no esporte brasileiro. Antes de ir para a Europa, trabalhou na Federação de Futebol do Rio, exemplo clássico de uma administração antiquada. Hoje, ele ainda senta à mesa de negociação com dirigentes voluntários, mas já enxerga uma evolução na mentalidade dos cartolas. Mais difícil será encontrar alguém que, como ele, trabalha para um clube do qual não é torcedor. Tricolor de nascimento, Pedro é assessor direto do presidente do Flamengo, Márcio Braga.

— Profissional não tem time — ensina.

Por vezes, no entanto, o destino dá ao novo cartola a oportunidade de trabalhar com um ídolo de infância. Em julho, o advogado rubro-negro Vantuil Gonçalves, de 34 anos, tornou-se sócio de Zico no clube-empresa fundado pelo maior jogador da história do Flamengo. Eles querem fazer do Centro de Futebol Zico (CFZ) um modelo de gestão profissional. Ironicamente, Vantuil debutou no futebol graças ao Botafogo, onde trabalhou como diretor jurídico por cinco anos. Depois, abriu uma empresa que faz negócios com clubes e jogadores de vários times. Ao mesmo tempo, ele dá aulas de pós-graduação em direito esportivo.

— Por causa da Copa 10 Brasil, são cada vez mais numerosos os cursos ligados ao esporte. Só vão sobreviver os cartolas preparados e que forem responsáveis por seus atos, como acontece em qualquer empresa — afirma Vantuil. ●

Pedro Trengrouse, de 29 anos, formado no prestigiado MBA da Fifa e hoje no Flamengo: "Não há outro caminho que não passe pela profissionalização da gestão esportiva"

